

Não aos justiceiros!

Vítor Wilher
8 de outubro de 2007

Debates sobre segurança pública me fazem lembrar o quanto jornalistas são idiotas. E isso acaba me reconfortando por não ter escolhido essa profissão na hora do vestibular. Jornalistas devem acreditar que o caos que cidades como Rio e São Paulo vivem decorre apenas da ineficiência das polícias. Reivindicam mais policiais, melhores soldos, mais equipamentos etc. Seria algo irrelevante se somente eles pensassem assim – trataríamos como um caso coletivo de autismo profissional. O problema é que esses inertes acabam contagiando a opinião pública com essas aberrações.

Os holofotes da mídia no segmento violência urbana estão todos apontados para o filme *Tropa de Elite*, oficialmente lançado na última sexta-feira. E a discussão é sempre acalorada. Um desses idiotas, digo jornalistas, corroborou com a tese de que o capitão Nascimento (o protagonista do filme, interpretado por Wagner Moura) é quem está certo: estamos vivendo uma guerra e nessa situação é matar ou morrer. Vivendo uma guerra ou não, é uma outra questão. O problema nessa frase (e o efeito que considero mais grave) é a sua conclusão: “matar ou morrer”.

Nas cenas do filme, o capitão Nascimento interroga pessoas envolvidas com o tráfico de drogas e depois de obtida a informação, dá cabo de suas vidas. A classe média, pela reação das platéias nas salas de cinema, concorda com tais procedimentos. Pois vos digo que nada justifica um assassinato, mesmo que a suposta vítima tenha matado dezenas de pessoas. A legislação brasileira condena. Crime não deve ser combatido com crime. O correto seria levar o infrator para uma delegacia, registrar a ocorrência e iniciar um processo criminal. A polícia não pode ser ao mesmo tempo o poder judiciário, deliberando instantaneamente a sentença.

Mortes em confronto direto entre polícia e bandidos são, infelizmente, resultado da guerrilha urbana em que vivemos. Mas a matança demonstrada no filme após a captura é um sinal de uma ditadura, de um momento doloroso e triste de nossa história republicana. Destarte, o apoio da sociedade civil (notadamente das classes mais altas) a esse tipo de prática é algo grotesco e um retrocesso em nossa história recente.

Hoje a classe média aplaude a execução sumária de supostos marginais, amanhã está chorando um filho perdido – como também demonstra o filme brasileiro *Zuzu Angel*. Em um regime de Estado de Direito é imprescindível que as pessoas sejam inocentes até que se prove o contrário. E caso se prove o delito, é preciso que exista um julgamento e a aplicação correta de uma pena. Esse é o correto e dessa forma que é preciso agir.

O debate sobre segurança pública deve sempre vir acompanhado de um amplo leque de medidas sociais. No Brasil hipócrita em que vivemos, onde a História é enterrada todos os dias, nossos idiotas oficiais esquecem de que o nascimento das favelas está intimamente ligado a um desses episódios onde ao invés de limparmos a casa, jogamos o lixo para debaixo do tapete.

Fosse a transição do trabalho escravo para o assalariado feito de forma a incluir os escravos, muitas das favelas que temos hoje não existiriam. Se tivéssemos investido em educação básica ao invés de mantermos universidades estatais para os ricos, teríamos uma sociedade mais justa e com mais oportunidades para aqueles marginais que são executados sob aplausos. Mas nada disso fizemos e o resultado é um amontoado de jornalistas idiotas reclamando sobre a falta de policiamento nas ruas.

O caos atual dificilmente será resolvido com a ampliação do aparelho policial. As mega-operações que têm sido feitas no Rio de Janeiro só servem para agradar a opinião pública e render votos em um futuro próximo ao governador do Estado. De nada servem, entretanto, para resolver o problema da miséria nacional, que é quem oferta mão-de-obra para o tráfico de drogas. Não existisse a atual gritante falta de oportunidades de um trabalho digno, seria reduzido o número de jovens dispostos a entrarem no mundo do crime.

Os jornalistas, apesar de serem idiotas, sabem dessas coisas. Entretanto, em debates sobre violência, quase nunca citam esses argumentos. Preferem optar pelo discurso fácil, de curto prazo, dos investimentos em segurança. A opinião pública acaba sendo convencida e dá de ombros para os direitos humanos. Mas corroborar com essa situação terrível é aceitar o fato de que o marginal executado hoje pode ser um filho da classe média baleado amanhã.